Fonte: O Estado de São Paulo - 2/11/2003.

EDUCAÇÃO

A briga das universidades pelos professores

Instituições americanas buscam figuras de renome, com altos salários e benefícios

DAVID L. KIRP
The New York Times

Jim Bourg/Reuters - 5/6/2003

Uma cerimônia em Harvard: assim como em outras áreas, quem manda na educação superior é a competição, não a congregação

BERKELEY, EUA – Foi um acontecimento no meio acadêmico quando a Universidade de Nova York superou Harvard no inverno passado e seduziu Niall Ferguson, o mais amplamente discutido e controverso historiador britânico de sua geração, tirando-o de Oxford. O recrutamento de estrelas não é nenhuma novidade para a universidade. Sua estratégia tem sido obter status de nível mundial atraindo uma massa crítica de docentes de primeira. Uma instituição que estava à beira da falência em meados dos anos 70 tornou-se modelo de sucesso na educação superior.

Tendo dominado este frenesi por reputação, a Universidade de Nova York agora quer mudar as regras do jogo, transformando sua valiosa coleção de talentos individuais em cidadãos da comunidade acadêmica. Num relatório amplamente divulgado, o presidente da universidade, John Sexton, emitiu uma "intimação ao envolvimento". O documento pede ao corpo docente que passe mais tempo com os estudantes dentro e fora da sala de aula e "envolva-se com colegas com visões divergentes de especialidade" – e até mesmo faça amizade com os universitários e participe do processo de admissão.

A universidade e o meio acadêmico em geral ganharão se Sexton conseguir provocar essa reviravolta – uma mudança do "eu e eu mesmo" para a participação numa genuína comunidade de estudiosos. Porém, a menos que outras escolas do primeiro time decidam declarar uma trégua na guerra por estrelas – o que é improvável –, seus esforços provavelmente vão fracassar. Assim como em outras áreas, quem manda na educação superior é a competição, não a congregação.

Prestígio – Roubar notáveis de outras universidades foi considerado por muito tempo um modo garantido de subir a escada do prestígio acadêmico. Nos últimos anos, no entanto, tais buscas de talentos viraram lugar-comum e as ofertas se tornaram mais exageradas. Ninguém de fora do mundo da educação costumava notar essas idas e vindas, mas agora a mídia noticiosa transformou os professores em notáveis.

Foi um grande acontecimento para a seção econômica deste jornal quando, há poucos anos, a Universidade de Columbia ofereceu ao economista Robert Barro o Sol e a Lua – e também carta branca para contratar cinco membros adicionais da faculdade, numa tentativa de tirá-lo de Harvard. Barro inicialmente aceitou a oferta, mas acabou mudando de idéia e ficando em Cambridge.

À medida que a mobilidade nos altos escalões das faculdades cresce, também aumentam as diferenças de compensação entre os professores mais procurados – aqueles que Sexton enaltece como sua "equipe azul" – e todos os restantes, o a "equipe cinza". Professores considerados trunfos são cortejados com altos salários, moradia esplêndida, concessões de viagem, centros de pesquisa bem financiados, colegas brilhantes – e a promessa de raramente encontrar-se com um aluno da graduação.

> ALUNOS, PORÉM, NEM SEMPRE SÃO FAVORECIDOS

Estrelas – Outras universidades esforçadas – entre elas Rice, Georgia Tech e Georgia Mason – embarcaram nessas viagens estelares, mas com sucesso relativo. A mais nova combatente é a Universidade do Sul da Califórnia.

Numa tentativa explícita de seguir o exemplo da Universidade de Nova York, a instituição criou um fundo de US$ 100 milhões para recrutar cem notáveis em apenas três anos, com uma promessa de mais dinheiro e mais contratações de estrelas para o futuro. Essa iniciativa chama a atenção e já aquece a guerra de ofertas.

O que é bom para a reputação de uma universidade, no entanto, não é necessariamente bom para seus estudantes. Como a cotação dos professores do primeiro time depende de sua produção científica e publicações e não do que eles ensinam, sua lealdade não é relativa aos seus alunos ou à sua instituição.

Embora Sexton afirme estar determinado a reverter essa tendência na Universidade de Nova York, algumas iniciativas recentes na instituição reforçaram esse narcisismo profissional. Tome-se o departamento de filosofia da universidade.

Em 1995, o departamento não tinha nem sequer um programa de doutorado. Apenas cinco anos depois, ele foi considerado o melhor departamento do gênero pela *The Philosophical Gourmet*, versão dos filósofos do ranking de faculdades da revista *U.S. News & World Report* e "bíblia" dos aspirantes à pós-graduação.

Afastamento – Uma série de contratações de estrelas elevou o status acadêmico do departamento e da universidade. Mas os novos recrutas têm responsabilidades de ensino apenas modestas. Especialmente nos grandes cursos de graduação, o peso do ensino recai sobre instrutores que são alunos na pós-graduação e professores adjuntos. Além disso, os recém-chegados são especialistas de visão limitada, cuja insularidade intelectual – um afastamento tanto da sala de aula quanto da esfera pública comum – representa um tremendo obstáculo à sociabilidade que Sexton agora pede ao seu primeiro time.

Se todas as grandes universidades prometessem não usar cargas de ensino reduzidas como moeda de barganha, uma "universidade de iniciativa comum" teria uma chance decente. Mas não é assim que isso funciona. A direção da Universidade de Nova York sabe disso. Apenas seis meses depois de a universidade tê-lo roubado de Oxford, Niall Ferguson aceitou uma oferta de Harvard, que há mais de um século faz da caça de professores-estrelas uma forma de arte.

■ *David L. Kirp, professor de Política Pública na Universidade da Califórnia, em Berkeley, é autor de 'Shakespeare, Einstein and the Bottom Line: The Marketing of Higher Education' (Shakespeare, Einstein e o Balanço Final: O Marketing da Educação Superior)*